

Testemunho

O amigo Cyro Martins - III

WALDOMIRO MANFROI

No final da sessão do dia dezesseis de outubro de mil novecentos e oitenta, Cyro, outra vez, pediu que ficasse depois da sessão. Mais tranquilo do que na primeira vez, por observar que puxava outro livro da gaveta, fiquei aguardando. Depois de escrever a dedicatória, alcançou-me dizendo: "Em primeira mão. Quero que leias e me digas o que achaste."

Encabulado, pela deferência, abri a capa do livro e, na primeira página, encontrei outra agradável surpresa:

Para os queridos amigos Lília e Waldomiro Manfroí, com um abraço do Cyro Martins: A DAMA DO SALADEIRO.

De novo, assim que comecei a ler seus contos, fui me identificando com o passado do Cyro e de modo particular com o conto: A formatura. Vejamos o que se encontra nas páginas 51 e 52.

No dia da formatura do estudante de medicina, ao voltar para a pensão, se dirige ao quarto da Ritinha, para lhe aplicar a costumeira injeção na veia para tratamento de tuberculose pulmonar.

Fiquei uns minutos, quem sabe se meia hora ou cinco segundos, considerando a inutilidade – uma verdadeira farsa, se não encerrasse um valor mais humano que químico da droga – das picadas diárias naquelas veiazinhas por onde circulava um pálido sangue mingüado.

– Está pronta a seringa, doutor.

Sim, vinha da própria doentinha, expressando uma ânsia de querer viver; a voz que me surpreendeu no instante que começava a não acreditar na possibilidade de que em sua laringe ressoasse uma palavra sequer, quanto mais uma frase.

Serrei a ponta da ampola. Enchi a seringa. Passei a borracha em volta do bracinho delgado. As veias encheram-se mal. Mesmo assim consegui espetar a agulha numa delas, uma agulhinha curta, a propósito, de bisel afiado e calibre fino. Cuidadosamente, fui injetando o líquido claro, pois aquela seria a última injeção que aplicaria na menina. Quando o êmbolo trancou no fundo, puxei a seringa. A operação transcorreu esplêndida.

– Não doeu nada, doutor.

– Nem uma dorzinha?

– Nada.

Mas onde diabo fora parar a agulha? Foi a pergunta súbita que me fiz, fixando, pasmo, o canhãozinho dourado embutido no bico da seringa. Fiquei confuso. E instintivamente levei a mão ao braço da menina, comprimindo-o com violência. Ela

soltou um "ai" que foi menos de dor que de susto da minha cara transformada. Mas continuei a apertar-lhe os músculos débeis cada vez com mais força, trêmulo, furo, o coração a bater sacudido por um tufo de medo. E só larguei o bracinho frágil ao constatar que a menina embranquecia e entrava em desfalecimento. Fitando-lhe o rosto imóvel, exclamei: morta! Recuei, levando as mãos à face, como quem quer esconder dos próprios olhos uma realidade tenebrosa. Uma única explicação me ocorrera para aquilo, obsessante: a agulha havia subido pelas veias do braço, penetrado na subclávia e, finalmente, ferido o coração! Bela estréia, ótimo começo, no dia da formatura...

Imobilizado na beira da cama, braços caídos em derrota, olhos fixos na lividez de Ritinha e dentro de mim nenhuma esperança de salvação. Eu pensava em levantar-me e fechar a porta, para ficar só com a minha vítima, purgando desespera-



damente a minha caiporice. Por fim, chamaria dona Antônia. Que remédio! E que reboição iria convulsionar a pensão!. Abaixei as pálpebras. Tudo embaralhando, turbilhonando em redor. Já ouvia rumor de passos de pessoas estranhas, entrando atropeladamente para ver, bisbilhotar, dar fé. Olhares curiosos de gente querendo conhecer detalhes do fato, e como foi, como não foi, ora já se viu uma desgraça igual quando menos se espera... Ouviam-se murmúrios de suspeitas, as de sempre nessas ocasiões. Seria imperícia? Alguém levantaria a hipótese de que o jovem médico era partidário da eutanásia. Um escândalo. A polícia chegando, o corpo sendo removido para o necrotério, para ser necropsiado. E no coração encontrariam o corpo de delito.

Dez, vinte, trinta segundos, um

minuto? Era-me impossível avaliar que tempo durara minha perplexidade. Quando tornei a encarar a doentinha, percebi o leve arfar das narinas. As pupilas eram duas tristezas geladas.

Desviei o olhar para baixo da sua mesinha de luz. Um fiozinho metálico luzia entre duas tábuas do assoalho. Sem comentários, me agachei e apanhei a agulha. Sim, era ela, a bandida.

Ao deixar o quarto, notei a exaustão que pesava sobre meus ombros e não pude fugir à comparação clássica: mãos de chumbo me seguravam.

Para constatar a coincidência entre a ficção do Cyro com mais um fato real da minha vida, contei-lhe o que acontecera comigo quando estudante do segundo ano de medicina.

Para conseguir comprar livros e o instrumental que precisava a cada ano da faculdade, eu trabalhava de auxiliar de médico num dos serviços de urgência da cidade. Com o passar do tempo, eu ia aprendendo

mais coisas práticas num serviço de emergência e adquirindo conhecimentos na Faculdade. Então, após ser julgado apto pelos colegas mais velhos, passei a integrar a equipe dos estudantes que ajudavam os médicos a prestarem atendimento domiciliar aos pacientes. Naquela época, não havia serviços de urgências especializados e nem as unidades de terapia intensiva, móveis e hospitalares como temos hoje. Os médicos faziam o que lhes era possível. Entre outras providências, pediam para a família contratar um estudante de medicina da equipe que eles já conheciam. Estes ajudavam a aferir o pulso, a pressão; anotavam num gráfico. Sabiam lidar com o tubo de oxigênio e com os frascos de soro e aplicavam injeções.

E assim, dentro desse mundo cheio de incertezas e de ensina-



WALDOMIRO MANFROI

mentos, vi, muitas vezes, amigos de pacientes conversarem descontraídos no "living" social, enquanto, no quarto contíguo, o doente e eu morríamos abraçados. Eu, um pouco, ele, de vez. Nos palacetes de famílias abastadas, chocava-me a indiferença dos mais velhos quando na presença da morte. Eles me davam a impressão de que todos haviam morrido muitas vezes e, de tanto morrer, haviam se tornado mais fortes, coisa que, em absoluto, acontecia comigo.

Certa ocasião, eu acompanhava um desses pacientes num apartamento de luxo, do Bairro Moinhos de Vento. Enquanto eu aguardava a visita do médico, ia cumprindo minhas obrigações. Contava o pulso, media a pressão, controlava o gotejamento do soro e fazia as anotações na folha de evolução. As pessoas gostam muito de falar quando estão enfermas, em especial, com os mais jovens. O doente estava falando calmamente e, de súbito, sua língua foi ficando grossa e a fala arrastada, embora continuasse com aspecto sereno e esboçasse um leve e disfarçado sorriso. Como estava na hora da injeção, apliquei-a, lentamente na veia, conforme a prescrição. Quando terminei de injetar o líquido, a voz do homem sumiu, seus olhos se fixaram num ponto distante, a respiração cessou e a vela da vida apagou, bem como eu havia presenciado no primeiro paciente que vira morrer de infarto, meses antes.

A mulher do enfermo, que até então se mantivera numa atitude expectante, acorreu em prantos e se lançou sobre nós e, gritando, pedia que eu fizesse alguma coisa, que não o deixasse morrer e dirigindo-se ao marido, pedia que não a abandonasse.

Por fim, de joelhos, com as mãos cruzadas e dirigidas para o alto exclamava: Ajude-me, meu Deus misericordioso!

Eu, de pé, perplexo, com a seringa na mão, qual arma penetrante que acabara de abater uma vítima indefesa, gritava com o mesmo desespero: Calma!... Calma!... Calma minha senhora!

E, baixinho, só para mim:

Não acorde... Não deixe que ele presencie o horror da cena que nós estamos protagonizando.

Ao relatar este episódio, Cyro aproveitou para me contar outro fato interessante da sua vida acadêmica.

Continua.